

DEIXANDO PARTIR...

Linda Andersen

Nem claro nem escuro – era aquele delicioso momento do dia entre a tarde e à noite. A natureza parecia prender a respiração, enquanto o dia enrolava-se aos poucos no manto da noite. Minha janela emoldurava as silhuetas alaranjadas das tranquilas colinas, anunciando o fim do dia. Nuvens fofas de contornos reluzentes despediam-se do Sol com um abraço. A cena me fez lembrar o caloroso abraço de "adeus" de minha filha Dawn, algumas horas antes. Ser mãe tem seus momentos.

Lembro-me de ter pensado: É hora de preparar o jantar. Talvez eu devesse usar esses momentos para pensar em meu trabalho ou escrever uma carta – qualquer coisa menos contemplar o pôr-do-sol. As esposas não têm tempo para contemplar o pôr-do-sol, não é verdade? Bem, desta vez eu não teria pressa. O Sol se põe apenas uma vez por dia e em breve iria embora – da mesma forma que minha filha.

Minha vida e a de Dawn também estavam atravessando aquele momento do dia entre o entardecer e o anoitecer. Com 18 anos, ela era metade mulher, metade criança. A mãe que existe em mim gostaria de saber se todas as filhas são tão voláteis e velozes como o dia que se esvai. Dawn parece ter algum poder mágico: em um momento está comigo e, de repente, não está mais.

Tonalidades diferentes de amarelo pontilhavam as nuances vermelhas e brilhantes que coloriam nosso gramado, enquanto o dia transformava-se em noite. Cada minuto assemelhava-se a uma pincelada, dando um novo colorido à paisagem. Acontecia o mesmo entre Dawn e mim. Mudanças. Mudanças constantes. Uma filha empoleirada na beira do ninho, batendo as asas para voar.

Eu não queria que a paisagem mudasse. Queria, quase que em desespero, preservar a variedade de cores e formas, pintadas com tanta maestria na tela diante de minha janela. Queria pintar tudo de dourado e esconder em um lugar só meu. Assim, eu poderia pegar a tela e apreciá-la sempre que desejasse.

Os tons alaranjados do Sol continuavam a fundir-se formando matizes que iam do dourado ao roxo, passando pelo rosa. O dia chegara ao fim. Um soluço subiu-me à garganta. O pôr-do-sol havia desaparecido!

Lembro-me de ter dado um longo suspiro e voltado, com relutância, aos pensamentos apreensivos que teimavam em povoar minha mente. Quando Dawn partiu naquele dia, minhas palavras soaram ocas:

– Você vai voltar para o jantar!

Ela respondera com firmeza:

– É claro que eu não vou voltar para o jantar!

O clima entre nós ficou tenso. Ela estava se afastando novamente. A dor foi semelhante à de um esparadrapo sendo arrancado com força. Não foi a primeira vez. E não seria a última.

Ainda enlevada pela beleza estonteante do início do anoitecer, lembrei-me de uma cena ocorrida muito tempo antes. Eu era uma jovem mãe, sentada na classe de primeiro ano, observando Dawn fazer uma brincadeira com os dedinhos diante de uma turma de crianças com olhos arregalados. Seus olhos brilhantes procuravam os meus para ter a certeza de que eu a estava vendo. Seus lábios abriram-se em um largo e caloroso sorriso.

Mais uma vez, as lembranças reproduziram um incidente quase esquecido: mamãe e papai saindo de casa sem Dawn. Ela, com dois anos, mal alcançava o parapeito da janela. Lágrimas rolavam por seu rosto vermelho por causa do esforço. Ela sempre queria nos acompanhar. Seus pais saíram apressados, impacientes com a fase difícil que a filha estava atravessando, sem se dar conta de que um dia sentiriam saudades dessa época.

Uma última lembrança passou-me pela mente. Dawn no início da adolescência. Sempre apressada.

– Oi, mãe. Até logo, mãe.

Sempre se afastando. Era o início de um caminho sem volta. De repente, dei-me conta de que, se eu desejasse continuar a ter minha filha, deveria soltá-la.

As cortinas da noite desciam com a ajuda de uma mão invisível, cobrindo o horizonte e anunciando o fim de mais um dia e a chegada de outro. Eu ainda me vejo acompanhando o traçado do parapeito da janela com os dedos e tomando a firme decisão de soltar as amarras entre nós.

Dawn sorria na fotografia em cima da lareira. Sorri para ela, sacudindo a cabeça. A seguir, conversei em voz alta com a fotografia, falando de minha decisão.

– Chega de puxá-la para o meu lado, filha. Não posso mantê-la junto a mim da mesma forma que não posso impedir o pôr-do-sol. Você e o pôr-do-sol são estranhamente lindos e estranhamente remotos. Às vezes, você é inatingível, outras, afetuosa e palpável... ilusória como um raio lunar. Será que você é as duas coisas ao mesmo tempo? É feita para dar alegrias e sonhos... e depois partir? Se isso for verdade, siga em frente. A vida é assim mesmo. Abra seu caminho por conta própria, minha menina. Talvez essa permissão para partir seja o último laço que nos une. Você, assim como o pôr-do-sol, retornará em outra forma, em outro tempo, no tempo certo... depois de ter sentido o gosto da liberdade e de ter voado com as próprias asas.

E foi o que ela fez. E foi bom demais.

Quero Deus, Eu nunca achei que cor-de-laranja combinasse com eixo até ver o pôr-do-sol que fizeste na terça-feira.

MARGARET